

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE
DO
Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
IBECC
(Comissão Nacional da UNESCO)
Sede: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, DF.-Brasil.

A SOCIOLOGIA E AS "AMBIÇÕES" DO FOLCLORE

Comunicação feita à CNFL pelo Dr. Edison Carneiro, da
Comissão Nacional de Folclore.

A pretexto de discutir as "ambições" do folclore a uma posição de autonomia entre as ciências, alguns sociólogos de São Paulo estão reabrindo um antigo debate, não com argumentos válidos, mas com aquele Wishful thinking de que tanto falam os autores americanos da sua particular predileção.

O debate dessas "ambições" não está, naturalmente, encerrado - todas as contribuições à solução do problema serão bem-vindas - mas, naquele que agora se trava, há uma indisfarçável tendência a reduzir os folcloristas a meros coletores de um rico material que somente os sociólogos (eles mesmos, evidentemente) estariam em condições de interpretar.

A guerra de sutilezas desses sociólogos paulistas constitui, antes de tudo, um retrocesso em relação ao estudo do folclore, seja por considerá-lo, como se fazia ao tempo de Thoms, um ramo das anti-quités populares, limitando-o inteiramente à tradição oral, seja por subestimar o trabalho do folclorista, que como tal só teria habilitações para a "análise de identidades formais e temáticas" e para "investigações de intuítos classificatórios ou genéticos", seja por levantar o fantasma necrótico da "arqueocivilização" de Varagnac.

Não será demais recordar que, desde 1951, a Carta do Folclore Brasileiro reconheceu "o estudo do folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais" e que o Congresso de Folclore da Bahia (1957) aprovou uma resolução que inclui o folclore no campo das ciências "sócio-culturais", ampliando, portanto, a formulação anterior.

Examinaremos aqui, em primeiro lugar, as opiniões de Florestan Fernandes, professor da Universidade de São Paulo, - que parece ser o comandante desta nova investida contra o folclore, - à base de artigos que publicou em 1956-57, agora incluídos no volume A Etnologia e a Sociologia no Brasil (Ed. Anhambi, 1958).

Teremos de examinar, também, as de Roger Bastide, ex-professor da Universidade de São Paulo, atualmente professor da Escola Prática de Altos Estudos de Paris, autor de algumas das melhores investigações sobre as religiões do negro brasileiro. Florestan Fernandes o aponta como reorientador dos estudos de folclore em São Paulo. A contribuição teórica de Roger Bastide - um único ensaio, pelo que sabemos - encabeça e batiza o seu novo livro, Sociologia do Folclore brasileiro (Ed. Anhambi, 1959).

Um e outro são responsáveis pelos trabalhos de duas alunas, que obedeceram à sua orientação, - trabalhos em que são constantes o desprezo pelo labor do folclorista e a segurança de que só a sociologia pode entender os fenômenos folclóricos em toda a sua plenitude.

Em geral, a atitude destes sociólogos pode ser qualificada

de pedante, na acepção que a esta palavra dá o Dicionário, pois na verdade faz prova de mais completo desconhecimento daquilo que pretende esclarecer.

&

Florestan Fernandes, que avoçou a si a discussão teórica do assunto, nega ao folclore quaisquer títulos para candidatar-se a ciência.

Já no prefácio do seu livro observa que "continuamos a chamar de folclore um tipo de labor intelectual que, inclusive em Portugal... vem sendo designado, com maior propriedade, como etnografia". Este quinau nos folcloristas brasileiros tem a sua importância, pois o que deseja, com o seu ensaio sobre os estudos folclóricos, é mostrar que, "em outras circunstâncias, seriam desempenhadas por disciplinas como a psicologia social, a etnologia e a sociologia" as "funções cognitivas" que o folclore preenche, por omissão das outras.

Em 1944, confessa, compartilhava ele do ponto de vista de que o folclore é "menos uma ciência à parte, que um método de pesquisas", tendo chegado mais tarde, "graças ao estudo dos procedimentos interpretativos explorados por Stith Thompson, em particular", à conclusão de que o folclore constitui "uma disciplina humanística". E decide: "O folclore, como ponto de vista especial, só se justifica como disciplina humanística, na qual se poderão aproveitar os resultados das investigações científicas sobre o folclore ou técnicas e métodos científicos de levantamento e ordenação de materiais folclóricos". Linhas abaixo, talvez para escapar a este baratro, - uma disciplina não científica que aproveita investigações da ciência sobre o seu próprio campo de estudo e se vale de técnicas e métodos alheios para colher e ordenar o seu próprio material, - acrescenta que "o campo de trabalho do folclorista é simétrico ao dos especialistas no estudo das artes, da literatura e da filosofia", mas se enreda novamente, pois lhe parece "claro" que "as tarefas específicas do folclorista começam depois de constituídas as coleções de materiais folclóricos". Assim, absurdamente, a sua disciplina humanística nada tem a ver com o folclorista senão após a constituição de coleções folclóricas, - certamente por alguma espécie de magia de que não nos dá o segredo.

A referência a Stith Thompson é enganadora. Florestan Fernandes não o leu, antes andou respigando coisas no Dictionary of Folklore, Mythology and Legend... Pelo que se vê das 167 notas ao ensaio que estamos analisando, os únicos trabalhos estrangeiros que conhece sobre a matéria são, além deste, os de Lindgren e de Herskovits, que não são especialistas (o primeiro constitui capítulo de uma obra de sociologia de três autores, o segundo é um artigo de revista, que por sinal propõe o problema da disciplina humanística), a Définition du Folklore de Varagnac, e Manuel de Saintyves e um verbete de La Grande Encyclopédie.

Com uma bibliografia tão pobre, e tão interessada, Florestan Fernandes reduz o folclore às antiquités populaires de outrora, mas não tem clareza na sua concepção da disciplina humanística, que evidentemente digeriu mal. As "funções cognitivas" da realidade humana preenchidas no Brasil pelo Folclore baralharam a argumentação, já de si não muito coerente, do professor paulista.

Com efeito, o sociólogo reconhece que os fenômenos folclóricos, como fenômenos da cultura, podem ser estudados como aspectos particulares da cultura de uma sociedade, "tanto pela sociologia cultural como pela antropologia". Já vimos que a Carta do Folclore como o adendo aprovado no Congresso da Bahia, põe o estudo desses fenômenos no quadro das ciências "sócio-culturais". Florestan Fernandes não crê que o folclore possa examiná-los devidamente, pois a especificidade do folclore, como disciplina, "deriva de procedimentos de interpretação fundamentalmente opostos aos que são empregados nas ciências sociais" (os folcloristas, diz ele, precisam abstrair os elementos folclóricos dos contextos culturais e sociais de que são parte), mas também não enxerga vantagem na improvisação de psicólogos, etnólogos e sociólogos em

folcloristas, dado que o trabalho dos folcloristas exige "uma especialização e um treinamento prolongados". Linhas atrás, havia escrito: "O folclore oferece um campo ideal de investigação para os cientistas sociais. É que ele permite observar fenômenos que lançam enorme luz sobre o comportamento humano..." E, linhas adiante, escreveu que etnólogos e sociólogos deixam de lado "questões cruciais" que podem ser "enfrentadas e resolvidas" pelos folcloristas.

Em suma, temos (1) que os fenômenos folclóricos são fenômenos culturais - coisa que ninguém discute; (2) que o folclore, como disciplina, estuda esses fenômenos de modo diametralmente oposto ao das ciências sociais - corolário inevitável da concepção (americana) do folclore como tradição oral; (3) que a improvisação do cientista social em folclorista traz desvantagens - outro ponto em que não há discordâncias à vista. Entretanto, se no folclore se podem observar "fenômenos que lançam enorme luz sobre o comportamento humano", se são os folcloristas que devem estudar o folclore, se somente eles podem enfrentar e resolver "questões cruciais" nesse campo de estudo, pode-se continuar dizendo que o folclore é uma disciplina humanística - e não um ramo das ciências sociais? Todo este tumulto se encontra num capítulo de ensaio de Florestan Fernandes em que o folclore deveria ser estudado "como esfera da cultura e como fenômeno social", o que o colocaria, não como objeto de indagação humanística, mas de investigação antropológica e sociológica.

Não tem consistência, portanto, a concepção de disciplina humanística a que Florestan Fernandes diz ter chegado, mas que na verdade tomou de empréstimo a Herskovits e a alguns verbetes de enciclopédia.

Tendo reconhecido nos fenômenos folclóricos fenômenos culturais, admitiu, por omissão, que há pelo menos parte dos fenômenos culturais que são campo e objeto de estudo por parte dos folcloristas. Esta consideração, que não fala a favor da sua disciplina humanística, não está explícita nas 31 páginas do livro dedicadas ao assunto. O estudo científico do folclore, diz ele, não pode ser unificado, pois "cada ciência social investiga o folclore de um ponto de vista próprio", acrescentando, em outro ponto, que os estudos sociais "tomam por objeto a mesma realidade, mas de pontos de vista diferentes". Todo fenômeno social, é óbvio, pode ser estudado por qualquer das ciências sociais, mas estaremos fazendo sociologia se o encararmos do ponto de vista sociológico, antropologia se do ponto de vista antropológico e folclore se do ponto de vista folclórico. Isto, que é claro como água, não ocorreu a Florestan Fernandes, que completa o seu raciocínio sobre a impossibilidade de unificação do estudo científico do folclore como que negando alguma coisa que ninguém disse - negando que possa caber ao folclore "reduzir os diferentes pontos de vista a um denominador comum". A prevalecer o critério, sem dúvida original, de que uma ciência só existe se consegue "unificar" os pontos de vista sobre o seu campo de estudo, será extremamente difícil considerar ciências distintas a antropologia e a sociologia, e não apenas o folclore.

Uma última observação, ligada à anterior, mostrará a desordem da lição ex cathedra que Florestan Fernandes pretende dar aos folcloristas. Escreve ele: "Ao contrário do folclorista, o psicólogo, o etnólogo, o sociólogo não estudam o folclore propriamente dito, mas a sua inserção e influência na organização da personalidade, da cultura e da sociedade. Se precisam, como o folclorista, formar coleções de materiais folclóricos, o fazem movidos por outras ambições intelectuais, e suas descrições devem retratar aspectos das manifestações folclóricas que podem ser negligenciados pelos folcloristas, porque só são relevantes para a compreensão e a interpretação da dinâmica da personalidade, da cultura e da sociedade". Há, pois, nos fenômenos folclóricos, algo que os torna "relevantes" para o entendimento dos fenômenos estudados pela psicologia, pela etnologia e pela sociologia, além de serem, por si mesmos, fenômenos culturais. Se os cientistas sociais não estudam o folclore propriamente dito, - e lembremos que

no folclore se podem observar "fenômenos que lançam enorme luz sobre o comportamento humano", - aqueles que o estudam, os folcloristas, trabalham no campo das humanidades ou no campo das ciências sociais? Se ao psicólogo, ao etnólogo e ao sociólogo movem outras ambições intelectuais, se eles apenas aproveitam aspectos dos fenômenos folclóricos (fenômenos culturais) que os folcloristas podem negligenciar, aspectos esses que só têm importância para as suas indagações particulares, - entende-se forçosamente que há um campo de observação, dentro do campo mais vasto dos fenômenos culturais e sociais, que não lhes pertence. Este é o campo do folclore.

Mal informado sobre os fenômenos folclóricos tanto quanto sobre a ciência que os estuda, Florestan Fernandes não pode arvorar-se em juiz das "ambições" do folclore.

&

Se Roger Bastide entra neste debate, deve-o a Florestan Fernandes, que o declara "o grande estimulador" de quase todos os estudos etnológicos e sociológicos do folclore em São Paulo e o "orientador" de um dos trabalhos de pesquisa que comentaremos adiante.

O professor francês recua ainda além das antiquités populaires, pois aderiu à teoria da "arqueocivilização" de Varagnac, que transforma o folclore em algo que nos vem diretamente da época pré-histórica...

Em prefácio a livro recente, que - apesar dessa abordagem pré-histórica - se chama Sociologia do Folclore brasileiro, Roger Bastide limita-se a dizer, acerca das questões que estamos discutindo, que teve a intenção de mostrar "o perigo de encerrar o folclore numa antropologia não sociológica", propondo uma integração do antigo ponto de vista histórico ao ponto de vista culturalista, - sugestão de Herskovits, cuja incapacidade de entender a realidade própria da cultura está tão bem documentada por Leslie White. O ensaio que dá nome ao livro, e que lá está provavelmente porque deveria ser uma demonstração das vantagens da aplicação da sociologia ao folclore, está mal concebido e realizado, além de mal traduzido, parecendo até que o velho amigo do Brasil se fartou de escrevê-lo e suspendeu abruptamente o trabalho no ponto em que estava. (De acordo com Florestan Fernandes, o ensaio foi publicado, parceladamente, na imprensa paulista, em 1949-50, constituindo uma série de onze artigos. A publicação em livro estará, pois, incompleta). São 31 páginas que se lêem de sobrecenho carregado, duvidando do que se lê, tais as inexatidões dos dados primários e a falta de base das conclusões e das interpretações, que se podem qualificar de parciais, tanto porque se referem a uma parte do problema, como porque são torcidas para servir a um ponto de vista que o leitor ganhará um doce se efetivamente entender. Somente a frase inicial, que na verdade não contém novidade alguma, se salva: "O folclore só é compreensível quando incorporado à vida da comunidade". Já no prefácio escrevera Roger Bastide: "O folclore não flutua no ar, só existe encarnado numa sociedade, e estudá-lo sem levar em conta essa sociedade é condenar-se a apreender-lhe apenas a superfície". Esta descoberta da pólvora parece ser, afinal, toda a sociologia do folclore.

Tanto Roger Bastide como Florestan Fernandes parecem acreditar que o folclorista nada mais tem a fazer além da "análise temático-formal" do material que coletou ou que estuda. Isso prova, pelo menos, com que ligeireza andaram lendo os tratados de folclore, pois há muito que os folcloristas estendem as suas indagações às relações do folclórico com o cultural e o social. Se concordam nisto, e no seu desconhecimento da evolução que os estudos de folclore estão tendo no Brasil, especialmente a partir da criação da Comissão Nacional de Folclore em 1947, não concordam em outros pontos. Florestan Fernandes nada tem a ver com a teoria de Varagnac. Europeu, Roger Bastide

não aceita a limitação (americana) do folclore à tradição oral. Enquanto Florestan Fernandes qualifica de "demasiado ampla" a tendência a considerar toda a cultura popular como o campo do folclore, Roger Bastide declara, peremptoriamente, que "o folclore é a cultura inteira do folk".

Custa a crer que a Roger Bastide caiba o título de reformador do folclore no sentido da etnologia e da sociologia, pois, colocando-se do ponto de vista da "arqueocivilização", o mestre francês, por mais que se queira, não faz sociologia ou etnologia, mas história.

&

Sob a orientação direta ou indireta dos dois mestres, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Lavinia Costa Raymond (Lavinia Vilela), que se contam entre as suas melhores alunas, realizaram pesquisas - digamos, sociológicas - de folclore. Os resultados obtidos confirmam que é mais fácil construir uma teoria do que trabalhar com ela.

Maria Isaura, assistente da Universidade de São Paulo, uma das nossas mais inteligentes pesquisadoras de problemas sociais, fez a sua pesquisa na Bahia (Sociologia e Folclore - A dança de S. Gonçalo num povoado baiano, Liv. Progresso Ed., 1958). Embora demonstre o mesmo desprezo de Florestan Fernandes pelos cultores da "disciplina humanística", - "coleção e descrição de dados, classificação, filiação, constituem as principais diretrizes que orientam nossos folcloristas!" - nada há que distinga a sua pesquisa, como tal, da pesquisa costumeira de folclore. A sociologia do título só se faz presente na introdução e nas "reflexões" do último capítulo. E, como veremos, sem propósito.

Julga Maria Isaura haver realizado um estudo sociológico por ter descoberto uma ligação do exemplo da dança de São Gonçalo que estudou num arraial de Jeremoabo com a cultura que chama de rústica, em que a dança preencheria determinadas funções de coesão grupal. Toda e qualquer dança, como se sabe há séculos, - muito antes de se falar em sociologia, - preenche tais funções. E a sua descoberta resume-se à afirmativa de que a dança "faz parte" dessa cultura. Agora isto, indica, sumariamente, a necessidade de estudar (1) as funções desempenhadas pelos elementos folclóricos na comunidade, como se esse estudo já não estivesse nas preocupações dos folcloristas, e (2) as "transformações" desses elementos. Quanto a essas "transformações", escreve Maria Isaura que os folcloristas não lhes têm dado a importância que dão à pesquisa das origens. Neste ponto se contradiz, pois a "classificação" empreendida pelos folcloristas necessariamente tem de levar em conta essas "transformações". E então recorda que Geraldo Brandão, estudando um exemplo paulista, filiou a dança de São Gonçalo em parte à cultura portuguesa, em parte à cultura indígena, - uma "transformação", portanto, - para dizer apenas que "o mesmo não se dá na Bahia"... Em toda a parte propriamente de pesquisa do livro, Maria Isaura não tentou outra coisa senão "coleção e descrição de dados, classificação, filiação", e se pautou pelas "principais diretrizes" a que obedecem os folcloristas.

Entretanto, apesar de toda esta ausência da sociologia, Maria Isaura - que confessa estar seguindo os passos de Florestan Fernandes, "talvez o primeiro autor brasileiro que utilizou a sociologia como um método adequado ao estudo do folclore", - declara, em conclusão, (1) que "há lugar, no folclore, para o emprego do método sociológico", (2) que a sociologia é "um instrumento de trabalho muito útil ao folclorista" e (3) que "o emprego da sociologia não visa a substituir as outras abordagens, também muito necessárias; ela se ocupa de um setor que os outros pontos de vista não encaram e concorre, juntamente com eles, para dar uma visão mais ampla, mais clara e mais completa do fenómeno folclórico". A diplomacia destas conclusões não obscurece o fato de que, tendo realizado uma pesquisa típica de folclore, Maria

Isaura perdeu a oportunidade de demonstrar, na prática, a teoria.

O toque sociológico, aparentemente, seria analisar o elemento folclórico no quadro da comunidade em que vive, e em função dela, mas isso, que não é privilégio da sociologia, é o que deve acontecer sempre que se faz uma pesquisa limitada, local, como a de Maria Isaura sobre a dança de São Gonçalo no povoado de 150 casas e 800 habitantes de Santa Brígida.

Se Maria Isaura fez uma pesquisa de folclore, Lavinia Raymond fez apenas a pesquisa a que Renato Almeida chama "de fim-de-semana" para compor a sua tese (Algumas danças populares no Estado de São Paulo, Boletim nº 191 da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, 1958): andou vondo, uma ou duas vezes, apresentações públicas (algumas delas combinadas de antemão) de batuque, de congada, de moçambique e de jongo, e registrou tudo o que viu e ouviu nessas ocasiões. Que os sociólogos respondam - bastarão pesquisas tão ligeiras para a elaboração de estudos sociológicos?

A autora não tinha qualquer experiência em folclore. Numa tese que se propunha a estudar as danças afro-brasileiras, constitui um erro imperdoável a inclusão do moçambique, na forma existente em São Paulo. O moçambique antigo, de que não temos uma descrição por menorizada, talvez fosse africano, mas o atual descende da dance des épées, das Morris dances (stick e sword dances), das danças de bastões e de espadas de quase toda a Europa, do lado de cá dos Balcãs. Esta dança, que em São Paulo se chama moçambique, teve e tem os mais diversos nomes na grande área - Pará a Santa Catarina - em que se registra. Lavinia Raymond, entretanto, descobre que o moçambique "já não é dança de pretos"... Nem ao menos identificou o paia, tão característico do moçambique, na "faixa de couro com guisos" que um dos brincantes trazia ao tornozelo. E os cucumbis (folguedo independente, que tem parentes vivos nos caiaipós e nos cabocolinhos) passaram a fazer parte da congada.

No prefácio que escreveu para este livro - a que deu, segundo a autora, "orientação segura e dedicada" - Roger Bastide o proclama "a primeira interpretação sociológica do folclore negro no Brasil". Os problemas que se propôs Lavinia Raymond diziam respeito à "persistência" das danças afro-brasileiras. Já vimos que o moçambique nada tem de afro-brasileiro - exceto, talvez, os brincantes. Quanto à congada, o certo seria considerá-la auto ou representação popular, mas talvez Lavinia Raymond tenha acompanhado Mário de Andrade, que a considerava "dança dramática". A fim de avaliar que condições permitem a sua continuidade e que resulta para os grupos que os praticam, Lavinia Raymond observou os quatro folguedos, "nº ao apenas em seu conteúdo e forma como fatos folclóricos", coisa que na realidade não aconteceu, "mas como parte de certo conteúdo social, em certa comunidade, em certa época".

Que fruto deu, afinal, o estudo sociológico do folclore? Lavinia Raymond, no curso do seu trabalho, encontrou um problema realmente sociológico, - por que essas danças são hoje muito mais urbanas que rurais? - mas nem sequer esboçou uma tentativa de solucioná-lo. Em vez disso, a autora estabelece uma gradação entre os três pontos de São Paulo em que presenciou os folguedos, de acordo com um conceito de Redfield, e em seguida faz "um balanço rico em sugestões", que são as seguintes:

(1) A análise da dança e dos grupos nela interessados permite desvendar a "estrutura social" desses grupos. Deixemos passar esse truismo. Exemplificando com o batuque, nele descobre "traços da estrutura social africana", "traços da submissão do escravo ao senhor"...

(2) Decompondo os elementos da congada, diz ela que "o costume da coroação dos reis do Congo lembra a estrutura política africa

na"; que o cortejo dos cucumbis (que já vimos nada ter com a congada, mas com os caiapós de São Paulo e Minas e os cabocolinhos do Nordeste) "como que reflete a descendência matrilinear e o caráter sagrado da pessoa dos reis e príncipes"; que o episódio da rainha Jinga "confirma a descendência matrilinear no Congo e reflete o costume das embaixadas, as lutas com tribos inimigas e o poder do médico feiticeiro"...

(3) No passado, as danças afro-brasileiras eram "meio de vibração intelectual e sentimental"...

(4) Comparando a riqueza antiga "de vestuários, de textos, de coreografia", com a pobreza atual dos folguedos, - ou seja, dos exemplos que viu, pois nem sempre se verifica esse empobrecimento, - "tem-se o sentimento muito nítido duma quebra de quadros estruturais".

(5) "Se a função social da dança afro-brasileira foi, de um lado, favorecer a aculturação e assimilação dos elementos africanos importados para o Brasil" (sabemos que isto não foi uma função da dança, mas um resultado da sua função social) "e, de outro, manter a coesão dos grupos de cor, hoje essa dupla função varia em extensão e em conteúdo."

(6) Dada a diferença de situações sociais, "cada dança... traz uma função particular."

A tão extrema vagueza - que nos dispensamos de comentar - se resume o estudo sociológico do folclore.

Maria Isaura fez uma pesquisa do folclore - por sinal uma boa pesquisa de folclore - a que ajuntou uma discussão inoportuna sobre as vantagens do estudo sociológico do folclore. Quanto a Lavinia Raymond, pode-se garantir que um folclorista teria tratado melhor - e com maior conhecimento de causa - os problemas suscitados pela "persistência" das danças afro-brasileiras.

Afinal, ôstes sociólogos de São Paulo provam, na teoria e na prática, que, para demolir as "ambições" do folclore, não basta desejá-lo. Sem o domínio da fenomenologia e das técnicas de abordagem do folclore, - ou seja, sem qualificações para discutir o assunto, - a sua intervenção não pode significar outra coisa senão a tentativa de chamar para si os laureis de uma maneira de entender a realidade humana que, no seu desenvolvimento no Brasil, nada lhes deve. Para conseguí-lo, não se cansam de, torcendo a verdade, datar os estudos científicos de folclore do estabelecimento dos cursos de ciências sociais em São Paulo e vão até a inconsequência e o absurdo - para citar Roger Bastide - de tentar "esclarecer uma ciência pela outra".

As ambições ôstes sociólogos não chegam para destruir as "ambições" do folclore.
